

Sarney, um escravo da agenda

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney não tem tempo para pensar. Ele próprio lançou este desabafo, durante entrevista exclusiva à Agência Estado, concedida durante a viagem que fez a São José dos Campos, São Paulo, na semana passada. Sarney queixa-se do fato de não dispor de tempo para refletir sobre os problemas nacionais, por causa da burocracia governamental, que o obriga a cumprir rígido horário no Palácio do Planalto todos os dias.

Esses compromissos constam da "Agenda do sr. presidente", preparada pelo gabinete civil da Presidência da República, para onde são encaminhadas todas as solicitações de audiências. Nem sempre esses compromissos permitem ao presidente Sarney tomar alguma decisão: a agenda às vezes é aberta a artistas que entram numa longa fila, cuja espera pode durar meses.

Por mês, segundo estimativa do Palácio do Planalto, Sarney recebe uma média de 190 pessoas, sem contar as audiências extras ou os compromissos da agenda secreta, que não é divulgada para a imprensa. A ela tem acesso apenas a secretária que acompanha Sarney desde o Senado, dona Vera Sabará. Os personagens destas audiências entram e saem do Planalto pelo elevador privativo.

Segundo Sarney, o deslocamento obrigatório que faz do Palácio da Alvorada até o Planalto, mobilizando quatro vezes por dia — pela manhã e à tarde — mais de cem homens da segurança presidencial e cinco veículos especiais, transformou-se numa rotina desgastante. É como ter de bater o ponto.

Sarney afirma ser o único presidente no mundo que cumpre à risca uma agenda. Os demais que conhece dispõem de um período maior de tempo para refletir sobre os problemas nacionais, manter encontros mais prolongados com ministros ou empresários, e também articular-se com os políticos. Sarney acha que tudo isso pode ser feito, sem prejuízo da máquina burocrática palaciana, do palácio da Alvorada, a residência oficial do presidente da República.

Ele cita, como exemplo, seu colega argentino, Raúl Alfonsín, que despacha na Casa Rosada, sede do governo, apenas três dias da semana e ainda assim por poucas horas. O resto do tempo ele permanece na residência de Olivos, onde nem sequer é permitida a cobertura de jornalistas.

A "Agenda do Sr. Presidente" é uma das várias heranças do regime militar. Na verdade, ela foi instituída pelo ex-presidente Ernesto Geisel a partir de 1974, juntamente com os despachos periódicos com os ministros de Estado. A regra vale até hoje: segunda-feira é dia de despacho com o ministro da Justiça, por ser o primeiro na hierarquia do governo, e nas quintas-feiras é a vez do ministro da Fazenda. No governo do general João Figueiredo foram instituídas também as reuniões do conselho político, idealizadas pelo ex-chefe do gabinete civil, general Golbery do Couto e Silva. A última foi realizada ainda durante a vigência do Plano Cruzado, e foram suspensas a partir do desgaste nas relações entre os membros da Aliança Democrática. Ainda assim, a agenda se mantém até hoje, e é obedecida cegamente pelo presidente Sarney, que não vê outra alternativa. "Se não, irão me chamar de preguiçoso", comenta ele. Ou, ainda, servirá para contribuir com os constantes boatos que costumam sacudir Brasília quando algum ministro está para ser demitido ou será decretado um novo "pacote".

"Prefiro não crer em retaliação"

RECIFE
AGÊNCIA ESTADO

O governo Arraes não acredita que o processo de retaliação do presidente Sarney venha a sacrificar mais ainda a população que sofre com a seca em Pernambuco, como já se comenta no Estado. A observação é do secretário da Agricultura Pedro Eugênio, que ontem, no Recife, convocou a imprensa para falar sobre o trabalho das Frentes de Emergência, onde já se alistaram 191 mil pessoas. "É certo que as verbas federais sempre atrasam, mas prefiro acreditar que isso acontece com a questão da seca do Nordeste em geral", disse ele. "Será um absurdo uma retaliação contra os flagelados, pois isso nunca aconteceu em nenhum governo." Pedro Eugênio falou também das denúncias de irregularidades nas comissões de alistamento de trabalhadores, garantindo que vai agir com rigor, apurando todos os casos.



A queixa do presidente Sarney: sem tempo para refletir sobre os problemas nacionais

E "mestre de maquiavelismo"

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

José Sarney já teve 49 ministros em 32 meses de governo, e se continuar a "política de tocaia política", segundo o deputado e ex-ministro Fernando Lyra (PMDB-PE), o "maquiavelismo maranhense", como diz outro ex-ministro, ou "o jogo das intrigas palacianas", conforme o deputado Haroldo Saboya (PMDB-MA), o presidente se encaminha rápido para mais mudanças. Os políticos comentam que a tática de "minar" as ações de ministros indesejáveis seguida pela Planalto já começa a desestabilizar Bresser Pereira, o terceiro titular da Fazenda do governo Sarney.

Na última semana, Bresser ainda defendia nos Estados Unidos o imposto sobre o patrimônio líquido, enquanto o ministro Ronaldo Costa Couto, em nome de Sarney, vetava o projeto. Houve troca de telefonemas para desfazer o impasse, mas a discussão para saber qual telefone tocava primeiro, o de Nova York, ou o de Brasília, acabou em confusão e abalou a autoridade ministerial. Bresser chegou a lembrar que Mário Henrique Simonsen, em 79, deixou o ministério ao ser desautorizado, e comentou: "Isso pode acontecer comigo". Mas depois explicou que o IPL

fora apenas adiado, e que ele continuava ministro, lamentando apenas o desgaste representado para quem está no governo "ficar permanentemente debaixo desse clima de foca-foca".

Foca ou não, o ministro da Fazenda parece estar sendo vítima da mesma tática usada com sucesso pelo Planalto contra os seus antecessores, Dilson Funaro e Francisco Dornelles, desestabilizado por manobras do gênero de Sarney, Jorge Murad, e pelo então porta-voz Fernando César Mesquita, que criticou abertamente o ministro por ter-se antecipado ao presidente no anúncio de modificações no Imposto de Renda.

Fernando César também deu declarações minando ministros como Roberto Gusmão, Nelson Ribeiro e Dante de Oliveira, mas o deputado e primo do presidente, Alberico Filho (PFL-MA) garante que o porta-voz "falava sempre em seu próprio nome". Alberico também nega que o presidente tenha "minado" as bases de Funaro: "O ministro é que se perdeu e Sarney tentou lhe dar chance, mas teve de trocá-lo, porque ele se auto-inviabilizou". Já Fernando Lyra garante que a tática de Sarney é justamente essa, "fazer intriga, mandar recado por assessores, ir desmentindo tudo mas conseguindo o objeti-

vo final que é queimar o ministro; também fui vítima do processo com o filme *Je vous salue, Marie*".

Para Haroldo Saboya, Sarney fala mal do PMDB para o PFL e para os membros do PFL critica os peemedebistas. "Joga pelo flanco, é o estilo dele desde que foi governador do Maranhão." Saboya garante que logo no início do governo, preocupado com a influência de Aureliano Chaves e Ulysses Guimarães no governo que herdara de Tancredo Neves, Sarney começou a espalhar: que Ulysses entrava em seu gabinete sem pedir licença. "Ao mesmo tempo, passou documento à revista *Veja* para mostrar que Aureliano tinha 28 empregados na residência oficial."

Dos ex-ministros de Sarney, lembra Fernando Lyra apenas um, Carlos Sant'Anna, voltou para o seu lado. "Os outros foram tão intrigados que se agastam até hoje. Até Jorge Bornhausen, que era seu amigo pessoal. Penso que, como pessoa, Sarney deve ter amigos: como político não conheço ninguém." A recente confusão envolvendo o ex-porta-voz Frota Neto e o ministro da Justiça Paulo Brossard é outro bom exemplo, segundo Lyra, "do clima de trapalhões, de ópera bufa e desrespeito gerado por Sarney."